



DAS MINHAS IMPRESSÕES A PARTIR DE IMAGENS (EDÉNICAS E ENDÉMICAS) CAPTADAS POR PAULO HENRIQUE SILVA NA GRACIOSA ILHA

VICTOR RUI DORES

Ilhéu de Baixo. Maravilha de lava e mistério. Espetáculo de luz em camadas de magia. Solidão petrificada. As tintas ténues e trespassadas do sentimento. O vazio ou o peso do tempo. Retomo o caminho do mar e é de névoa o meu rumo incerto. Escuto o silêncio de um vulcão adormecido, nunca extinto. O vento rondou para sudoeste. Em andamento de poesia.

“Ilha branca” chamaram à Graciosa, não por estes belos cristais de enxofre, mas devido à abundância do traquito – uma rocha que, vista ao longe, terá dado a impressão de ser branca aos olhos dos nossos primeiros povoadores. Daí a sua toponímia: Barro Branco, Pedras Brancas, Serra Branca.

É enorme a pequenez desta ilha – que é fêmea e feminina! E como é possível um território tão reduzido apresentar tamanha grandeza? Contemplo o maciço vulcânico que faz parte da inquietante beleza da Furna do Enxofre, fenómeno vulcanológico raro e geologicamente único no mundo. Há quem afirme, há quem assegure tratar-se da maior cúpula vulcânica da Europa.

Acredito, mas faço uma correção: onde acima escrevi “cristais de enxofre”, deve ler-se madrepérola; ou branca pluma; ou o alfenim da doçura nos lábios do meu primeiro amor...





O fotógrafo sabe captar a vegetação edénica e endémica dos Açores. E sabe que tirar uma foto é fixar o tempo e o espaço de um instante, e é suspender aquele momento que é único e irrepetível. Por isso ele é um poeta da imagem. Porque nele a arte é já o domínio da técnica. Aqui ficou registado toda a ambiguidade das formas caprichosas que há neste líquen endémico. Ah, a beleza avassaladora da mãe-natureza!

A fragilidade desta alga terrestre esconde o que se passou na Furna da Maria Encantada, num tempo em que, por ser uma ilha baixa e com poucas fortificações, a Graciosa era facilmente atacada por piratas e corsários, que invariavelmente roubavam, pilhavam, incendiavam as culturas, profanavam as igrejas, violavam as mulheres e levavam cativos. Os locais defendiam-se como sabiam e podiam: à paulada e à pedrada, havendo mesmo notícia de que, mal avistavam um navio pirata no horizonte, os populares começavam logo a ferver água em grandes caldeirões para atirar sobre os intrusos. O lugar da Vitória, na freguesia do Guadalupe, assinala precisamente a vitória dos graciosenses sobre as investidas de piratas argelinos. No imaginário graciosense ficou a lenda da Maria Encantada.

Maria era uma jovem donzela, natural da Luz, e que na referida Furna se abrigou para fugir precisamente às perseguições da pirataria. Ali permaneceu durante um ano, descendo depois ao povoado. Casou e teve três filhas, Roda, Maria e Madalena, passando os dias a cuidar dos animais domésticos: vacas, cabras, galos e galinhas.

Um dia, a horas estranhas, um galo começou a cantar de maneira diferente e com insistência, o que chamou a atenção de Maria. Durante três dias o galo cantou e, escutando bem, percebia-se que, em som estridente, assim dizia: "Foge! Foge! Foge!". Maria insistiu com o marido para que saíssem dali, mas ele recusou-se a que deixassem a casa e os bens.

Passados alguns dias a terra começou a tremer, resultado de um violento sismo numa altura em que Maria estava a tratar do gado. A casa caiu, matando o marido e as filhas. Desvairada com o terrível infortúnio, ela foi abrigar-se para a Furna que já conhecia bem, e ali viveu, ermita e encantada, até ao fim dos seus dias...

Há que preencher o vazio do incriado. Por isso, as mãos do Criador esculpam, na pedra que nasceu do vulcão, as formas de uma baleia. O recorte lá está. Para lembrarmos que a baleia é uma metáfora de pedra. E que poderosas, majestosas e soberbas são as linhas do seu corpo de lava.





Contemplando a nascente termal da ponta da Restinga, sei que é de água a minha memória nesta ilha onde a água é bastante escassa. E ponho-me a sonhar: vejo muita água a precipitar-se lá de cima das encostas, tombando continuamente em fios esbranquiçados de cascata, despenhando-se cá em baixo e desfazendo-se numa névoa de gotas líquidas... Sim, de água tenho fome. De lava sinto sede.



A líquida transparência do mistério. Embarco como se partisse em busca do pote de ouro para lá do arco-íris... Não haverá por ali esqueletos de barcos afundados? Tábuas inchadas do naufrágio? E, quem sabe, algum tesouro escondido? Em vez disso cruzo-me com golfinhos que parecem desafiar-me a mergulhar com eles...

Não sou turista, sou viajante. Não vim aqui para ver paisagens, mas para sentir atmosferas. E é chegada a hora de observar essa epifania vulcânica que dá pelo nome de Porto Afonso. Digo, arribas altas calcinadas pela fúria dos vulcões. E diferentes camadas geológicas em tons que vão desde o cinza da rocha ao vermelho das escórias de bagacina. Ali estão grutas naturais que foram ampliadas pelo homem e utilizadas como locais de abrigo para barcos de pescas e respetivos apetrechos. E há em tudo isto um vago sentimento de surpresa.





Subo à cumeada da Caldeira para apreciar a Furna da Maria Encantada. Não me venham dizer que isto é um tubo de lava. Nem me convençam que um abatimento produziu uma "janela" com panorâmica vista para o interior da cratera. Para mim, isto é uma fenda erótica! E, para quem souber olhar, lá encontrará a delicadeza de uma alga terrestre...
Pode não ser suficiente, mas a verdade é que a ilha possui um dos mais ricos ecossistemas do mundo e, por isso mesmo, é reserva da biosfera. A questão é saber o que fazer com tanta geodiversidade e biodiversidade ...

Náufragos intranquilos, ou apenas sonhadores de viagens, na ilha ficámos. A olhar as aves migratórias que, no ilhéu da Praia, nidificam, sobretudo o painho-de-Monteiro.
Aqui sofremos a vertigem das vagas. Aqui lavramos a ventura. Aqui traçamos itinerários de distância e ausência. Aqui existimos e resistimos a tormentas e a outros temporais. E cá estamos, meu amor, construindo um novo dia na transparência líquida da nossa memória.

